

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO

JOICE VALVERDE DE ARAUJO

**BARRO BRANCO:**  
**por moradores nascidos e criados**

Produto Jornalístico

MARIANA  
2021

JOICE VALVERDE DE ARAUJO

**BARRO BRANCO:  
por moradores nascidos e criados**

Memorial descritivo de produto apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Profa. Dra. Agnes Francine de Carvalho Mariano

MARIANA  
2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A663b Araujo, Joice Valverde de .  
Barro Branco [manuscrito]: por moradores nascidos e criados. / Joice  
Valverde de Araujo. - 2021.  
42 f.

Orientadora: Profa. Dra. Agnes Francine de Carvalho Mariano.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Jornalismo. 2. Memória. 3. Identidade & cultura. 4. Mariana (MG). I.  
Mariano, Agnes Francine de Carvalho. II. Universidade Federal de Ouro  
Preto. III. Título.

CDU 94(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Edna da Silva Angelo - CRB6 2560



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Joice Valverde de Araujo**

**Barro Branco: por moradores nascidos e criados**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 16 de dezembro de 2021

### Membros da banca

Doutora - Agnes Francine de Carvalho Mariano - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Doutora - Hila Bernadete Silva Rodrigues - (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Mestra - Rúbia Araújo Borges - (Colégio Vicentino Providência)

Agnes Francine de Carvalho Mariano, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 22/12/2021



Documento assinado eletronicamente por **Agnes Francine de Carvalho Mariano, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/12/2021, às 15:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0261683** e o código CRC **040C0D12**.

À todas as velinhas da minha vó.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é a conclusão de um sonho que só foi possível graças ao apoio incondicional dos meus avós, Edith e Carlindo. Sei do nosso jeito contido de demonstrar afeto, por isso toda vez que digo que os amo, forço para ouvir: “Eu também te amo” de volta. Mas durante este processo difícil, conheci outras formas de amor quando meu avô diz: “Não tá precisando de nada lá, não? Se tiver precisando, você liga pra gente” ou minha avó: “Faz as coisas direitinho, com calma, que na hora certa você vai conseguir”. E eu consegui, vó, graças às suas velinhas e orações. Meu amor por vocês é maior que o mundo, quem eu sou hoje é por causa de vocês e este trabalho foi minha forma de estar pertinho.

Ninguém mais acompanhou tão de perto o dia a dia deste trabalho quanto Jéssica Duarte. Sou infinitamente grata pela segurança, o amor, companheirismo e incentivo. Sei o quanto esta produção foi difícil e exaustiva para nós duas, mas eu não conseguiria chegar até aqui se não fosse você me lembrando todos os dias de que eu estava fazendo um trabalho bonito e que precisava apenas entender o meu processo. A luzinha de dentro de mim não se apagou porque eu tinha você para me iluminar. Estou pronta para ser eu, novamente, para nós, e ansiosa para o futuro que começa agora.

Agradeço imensamente à minha orientadora Agnes Mariano, pela paciência e compreensão imensuráveis. Por tantas vezes que você acreditou neste trabalho muito mais do que eu e respeitou o meu tempo, apesar de todos os prazos descumpridos, antes mesmo de eu entender que tinha um tempo próprio. Pela responsabilidade emocional, generosidade e relação interpessoal tão raros de se encontrar no ambiente acadêmico. Entrava tremendo de medo em todas as reuniões e saía motivada, animada e inspirada. Em todas as vezes que você dizia: “Você já é uma jornalista”, eu suspirava de alívio.

Sou grata a todos que me apoiaram e entenderam meus motivos quando decidi ir embora de casa para estudar. Ao meu irmão Henrique e minha cunhada Daniele por sempre me incentivarem e defenderem a minha decisão, tomada graças à força que me deram. Assim como, à família da minha mãe, vó Margarida, tias e primos por me abrigarem no momento em que mais precisei.

À Larissa, pela futura diagramação deste livro. Que sorte a minha ter te conhecido a tempo das nossas tardes intermináveis de cafés, risadas de “ronc ronc”, promessas frustradas de caminhadas, doguinhos e abraços apertados. Você é uma grande inspiração profissional, aprendi tanto e sou muito grata por nossas trocas. Com você aprendi que ser uma mulher forte

e decidida não quer dizer ser menos sensível e insegura, e muito menos dá o direito de ser vista como “grossa”. Entender isso foi libertador. E eu não conseguiria sem o seu suporte e conforto nas horas difíceis.

À Joice Gama e sua família, em especial à Maria, sua mãe, pelo apoio e carinho de sempre. É muito bonito a forma como fazemos parte da vida uma da outra nestes mais de 20 anos de amizade. Curioso como entramos juntas no jardim de infância e agora na faculdade estamos nos formando na mesma época. Só tenho a agradecer por estar sempre perto.

À Thaís por todas as tardes que andamos sem rumo pela Av. Paulista e sonhamos com nosso futuro perfeito. Apesar da distância e de todas as complexidades que não prevíamos, sei que ele segue guardadinho lá. Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha formação, em especial à Márcia Garbini e seu coração de pedra. Sempre guardarei com carinho seus conselhos, eles foram primordiais para este momento.

Ao Márcio, primeira pessoa que conversou comigo no primeiro dia de aula, quando se virou e disse aquelas palavras determinantes: “Qual o seu signo?”. Depois disso não nos desgradamos mais. Obrigada pela amizade verdadeira e sincera, por tudo que vivemos juntos e por me segurar nos momentos de desespero durante esta produção.

Enfim, a este mundo louco que é Mariana e a Universidade Federal de Ouro Preto. Eu sabia que a vida me reservava tudo que vivi aqui. Nesta caminhada, agradeço a todos os colegas de Universidade, de trabalho, dos lugares que morei, aos que fiz nos rock’s e no *Snooker*. Sei que muitas vezes o convívio não foi nada fácil, mas vocês me ajudaram a amadurecer, ficar mais calma e a me conhecer melhor.

Por último, mas certamente mais importante, agradeço à Luzia, Expedito, Isabel, Adão e Beatriz pela confiança e privilégio de ouvir suas histórias. Vocês foram responsáveis pela mais importante experiência da minha vida até aqui. Obrigada por me apresentarem o Barro Branco de vocês, ele faz parte de mim agora. Aproveito para agradecer também a todos os outros moradores de Barro Branco que torceram para que eu chegasse até aqui, sobretudo à Rosilene, Adão Catarino e Nice, por serem a minha família mais próxima. Este livro não faria sentido nenhum se não fossem vocês.

*Eu medito sem palavras e sobre nada. O que me  
atrapalha a vida é escrever.  
E – e não esquecer que a estrutura do átomo não  
é vista mas sabe-se dela. Sei de muita coisa que  
não vi. E vós também. Não se pode dar uma  
prova da existência do que é mais verdadeiro, o  
jeito é acreditar. Acreditar chorando.  
Esta história acontece em estado de emergência e  
de calamidade pública. Trata-se de livro  
inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta  
essa que espero que alguém no mundo me dê  
Vós?*

*Dedicatória do autor, “A hora da estrela”, Clarice Lispector*



## RESUMO

O presente trabalho consiste no memorial descritivo do produto jornalístico *Barro Branco: por moradores nascidos e criados*, um livro de perfis sobre a memória e as identidades da comunidade de Barro Branco, subdistrito da cidade de Mariana. Para tanto, é discutido neste memorial o referencial teórico e metodológico relativo aos conceitos de perfil, memória e entrevista, assim como uma apresentação da comunidade de Barro Branco e a descrição do processo produtivo. No livro em questão, a história de Barro Branco é construída através dos perfis de cinco moradores. O propósito deste trabalho foi motivado pela escassez de documentações a respeito da comunidade retratada, de modo a representar um registro escrito de memória para os atuais e futuros moradores.

**Palavras-chave:** Perfil; Memória; Comunidade; Jornalismo; Barro Branco

## **ABSTRACT**

The present work consists of the descriptive memorial of the journalistic product Barro Branco, by born and raised residents, a profile book about the memory and identities of the community of Barro Branco, a sub-district of the city of Mariana. Therefore, the theoretical and methodological framework related to the concepts of profile, memory and interview is discussed in this memorial, as well as a presentation of the Barro Branco community and the description of the production process. In the book in question, the history of Barro Branco is constructed through the profiles of five residents. The purpose of this work was motivated by the scarcity of documentation about the portrayed community, in order to represent a written memory record for current and future residents.

**Keywords:** Profile; Memory; Community; Journalism; Barro Branco

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2. PERFIL</b>	<b>13</b>
2.1 O lugar do personagem na narrativa	
2.2 O Perfil no jornalismo	15
2.3 Aproximações com a arte	17
<b>3. ENTREVISTA</b>	<b>19</b>
3.1 A prática	
3.2 O encontro	21
<b>4. MEMÓRIA</b>	<b>23</b>
<b>5. A COMUNIDADE</b>	<b>27</b>
5.1 Barro Branco	
<b>6. PRODUTO</b>	<b>29</b>
6.1 Pré-produção	
6.2 Os personagens	30
6.3 As entrevistas	32
6.4 O livro	34
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>37</b>
<b>8. REFERÊNCIAS</b>	<b>39</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em um memorial descritivo de um livro de perfis sobre moradores da comunidade rural de Barro Branco, subdistrito da cidade de Mariana. O tema é proposto devido à minha relação familiar com a comunidade, pois foi onde passei parte importante da infância e juventude e com a qual partilho laços de parentescos com a grande maioria dos moradores. O interesse em produzir este projeto como Trabalho de Conclusão de Curso parte, primeiramente, da oportunidade de levar algum retorno à comunidade e seus moradores. A relação afetiva com o povoado sempre foi muito importante para a minha construção enquanto indivíduo e se tornou um alicerce durante esses anos de graduação. A própria escolha pela Universidade Federal de Ouro Preto é justificada pelo vínculo com a cidade e a permanência, tantas vezes dificultosa, só foi possível graças ao refúgio na casa dos meus avós e apoio dos parentes aos finais de semana em Barro Branco.

Desde a infância sempre apresentei grande interesse pela escrita literária. Mas foi a partir do meu percurso na graduação que descobri que a escrita não admite amarras, ela se apresenta de inúmeras formas no fazer jornalístico. A liberdade criativa potencializa a capacidade de ouvir e contar histórias, transmitir emoções e traduzir imagens. Neste sentido, o jornalismo literário representa uma área importante para se exercitar a escuta e o retorno na prática jornalística. E é o relato humanizado que me guia a produzir este livro como um registro escrito das histórias que sempre ouvi com tamanha curiosidade.

Como embasamento teórico do produto, este memorial reflete sobre conceitos fundamentais para nortear a produção do livro. Inicialmente abordo a escolha do gênero perfil, devido a sua capacidade de construir uma narrativa mais humanizada e literária com base em relatos completamente pessoais às fontes, tendo em vista que se procura acessar lembranças subjetivas, sentimentos e experiências. Para a escrita dos perfis, baseia-se no relato de cinco moradores de Barro Branco, um de cada rua, escolhidos pelo interesse em colaborar com o projeto e pelas diferentes relações de espaço-tempo com a comunidade. Os personagens possuem diferentes idades e todos nasceram e viveram, senão a vida toda, grande parte dela no subdistrito.

A metodologia aqui proposta, entrevistas, será utilizada para acessar informações sobre a história da comunidade e seus moradores. No entanto, será conduzida de forma natural, como um encontro informal, a fim de estabelecer uma relação de diálogo e confiança

entre entrevistador e perfilado. As entrevistas serão utilizadas para a construção dos perfis, pois nada mais são do que uma ferramenta para resgatar memórias de histórias vividas, pela experiência direta ou indiretamente, individual ou coletivamente, no passado. Logo, a discussão sobre memória se faz presente para pensar a escrita dos relatos e sua importância futura para a continuidade da relação destes personagens enquanto coletivo.

Por último, como objetivo deste memorial, são descritas as etapas de produção do livro, o que motivou a escolha do produto, os personagens, os recortes, assim como os resultados obtidos.

Estas discussões teóricas estão presentes na minha experiência no jornalismo. Na graduação e nas oportunidades profissionais pude explorar a escrita de relatos em forma de perfil, com o intuito de manter vivas as memórias e histórias de pessoas comuns e invisibilizadas pela sociedade, seja pela condição social, de moradia, ou por violações de direitos. Nada mais natural então que eu conclua esta etapa de formação acadêmica desenvolvendo um projeto dentro dessas áreas de interesse. Desde as primeiras pesquisas foi possível notar a dificuldade de encontrar documentos sobre o subdistrito de Barro Branco. Deste modo, a motivação é que este livro seja um material para futuras pesquisas, mas também um registro escrito de memória para os atuais e futuros moradores do povoado.

## 2. PERFIL

A escolha de produzir um livro-reportagem de perfis se justifica pela capacidade desse formato de texto de reunir relatos de forma humanizada sobre a vida de personagens em interação entre si e com a comunidade em que estão inseridos. Será possível, assim, representar, através da narrativa em perfis, a memória e as identidades do povoado de Barro Branco, com base nos laços de afetividade e familiaridade que marcam a relação entre seus moradores e a relação desses moradores com o lugar em que vivem. Este gênero textual jornalístico:

Trata-se de uma obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se interessante. No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão (LIMA, 2009, p. 51-52).

Muitos autores se complementam ao traçar definições acerca do gênero perfil. Para Sodré e Ferrari (1986), “perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 126). Mas, diferente do que se apresenta na biografia, não parte da ordem cronológica da vida de uma pessoa e nem dá conta de toda ela. Isso em razão de que, conforme classifica Vilas Boas (2002), se trata de uma narrativa curta, mas não de menor intensidade, interessada primeiro e, principalmente, em certos momentos marcantes da vida do personagem, seja ele uma pessoa famosa ou anônima.

O perfil se debruça sobre um acontecimento, ocupação, lembranças, qualidades do sujeito e, a partir deste ponto, dá-se início à caracterização do personagem. Assim, "pode ser compreendido como a possibilidade de composição do sujeito pela escrita de sua trajetória no espaço e no tempo" (MAIA, 2013, p. 177).

### 2.1 O lugar do personagem na narrativa

O processo de produção de um perfil permite e requer uma relação de confiança entre autor e o personagem perfilado. O produto nem sempre expressa o contrato preestabelecido e, uma vez que a narrativa não segue por um caminho claro, pode tomar direções diferentes das

concebidas pelo autor. “[...] O perfilado não é exatamente um modelo em pose. Sua imagem não pode ser pretendida, portanto, e talvez nem se consiga que ela seja plenamente natural ou espontânea” (VILAS BOAS, 2003, p.19). Isso porque, quando se trata de histórias de vida, não é possível prender-se a noções convencionais do jornalismo, como responder às perguntas do lead: com *quem*, *o que*, *quando*, *onde*, *como* e *porque* o fato aconteceu. No entanto, não podemos deixar de nos atentar a dois pontos chave para a narrativa: o personagem e o assunto a que ela se dedica. “Sem um ‘quem’ e um ‘o que’, não se pode narrar. Na reportagem, estes dois elementos têm de existir, mas têm, sobretudo, de despertar interesse humano – ou não serão suficientes para sustentar a problemática da narrativa” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 14). Os autores nos ensinam ainda que esse interesse humano é conseguido a partir da proximidade do repórter com o acontecimento, mesmo que carregado de pontos de vista, sem abandonar a verossimilhança do relato.

O contato do repórter com a fonte pode nos render duas formas de narrativa, o discurso direto e o discurso indireto, conforme distingue Sodré e Ferrari (1986). No discurso direto, a narrativa é conduzida pelas perguntas do repórter, como um formato clássico de entrevista, de modo que o perfil é traçado nas falas do personagem. Neste exemplo, não há espaço para impressões subjetivas ou interferências estilísticas do autor, além das perguntas, lhe cabe apenas uma conclusão final. Da mesma entrevista pode-se chegar também ao discurso indireto, onde se conhece o personagem através da fala do repórter – agora com um pouco mais de espaço para o autor. Há ainda a combinação dos dois discursos, em que é incorporado às respostas detalhes da ambientação da entrevista, como observações do repórter sobre o personagem durante o encontro.

Em outra perspectiva de classificação semelhante, "o perfil pode ser definido como uma composição textual do sujeito a partir de determinadas angulações que traduzem as perspectivas adotadas tanto na captação quanto na edição" (MAIA, 2013, p. 181), na qual a angulação padrão constitui uma narrativa convencional marcada pela objetividade e a angulação difusa, com a presença da subjetividade, uma narrativa imprevisível.

Considerando sempre o lugar de destaque das histórias de vida, é natural que Sodré e Ferrari (1986) classifiquem os perfis também por modelos de personagens. Para eles, no perfil sobre *personagem - indivíduo* “o retrato é mais psicológico do que referencial” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 134), sendo assim, a subjetividade do relato é acentuada e sobressaem atributos pessoais, às vezes não aparentes, do perfilado. Já no *personagem-tipo*, o indivíduo

perde o enfoque pessoal e é retratado por aquilo que é reconhecido, sua profissão, talento, fama, etc. O *personagem - caricatura*, por sua vez, é notado por comportamentos peculiares “com acentuada tendência para a exibição” (1986, p. 136) que de alguma forma desperta curiosidade. No entanto, é interessante que esses traços se cruzem dentro de um mesmo perfil, afinal, se tratando do relato de vida, um *personagem-tipo* não deixa de ser primeiro um *personagem - indivíduo*. E, em alguns casos, pode acontecer de aquilo que o define (profissão, hobby...) como *personagem-tipo*, ser uma peculiaridade que o enquadraria como *personagem - caricatura*. Assim, "Se a produção de um perfil considerar somente a atividade pública de cada pessoa, por exemplo, deixará de mostrar para a sociedade outros elementos que compõem essa história de vida" (MAIA, 2013, p. 182). É preciso acessar passagens ainda desconhecidas da vida da pessoa, grandes pontos podem estar nem sempre naquilo que a faz notória, mas em elementos que ela julga corriqueiros ou simplórios. As classificações de Sodr e e Ferrari (1986) são apropriadas de acordo com os diferentes perfis aqui propostos, sendo incorporadas muitas vezes em conjunto.

  importante lembrar aqui que o perfil não contempla somente pessoas famosas, mas elevam   notoriedade sujeitos comuns e desconhecidos. Uma das vantagens   que não há fatos ou características previamente conhecidas, tendenciando de alguma forma a observa o do autor. “Novas interpreta es, acesso a arquivos nunca abertos ou evidências de que o personagem teve uma vida rica em experiências são fatores que ajudam a ‘emplacar’ a obra em uma editora interessada em publicar biografias” (VILAS BOAS, 2002, p. 52).   o interesse em ter acesso   vida particular de pessoas famosas ou em reconhecer-se no outro, que faz com que as publica es de perfis ganhem espaço e sucesso entre os leitores.

## 2.2 O Perfil no jornalismo

O teor subjetivo do perfil faz com que o formato seja enquadrado por Maia (2013) como gênero interpretativo, devido a sua característica de poder transitar por qualquer outro gênero jornalístico. Sendo exemplificadas pela autora diferentes aplica es:

Na perspectiva informativa, pode-se focar, prioritariamente, em dados, números e quantifica es dos feitos das pessoas. Além disso,   possível voltar-se para a dimensão interpretativa dessa vida em destaque. A perspectiva utilitária também   passível de ser reproduzida quando a pessoa   vista como um instrumento portador de indica es a serem seguidas pelos leitores. O gênero diversional, que sugere a produ o de uma escrita mais leve e de interesse humano, pode-se desdobrar-se em perfil mais comprometido com o entretenimento. A caracteriza o positiva ou negativa de um perfilado irá aparecer no texto opinativo, em que não   dado ao



sujeito o direito de se posicionar: o ponto de vista é apresentado pelo próprio jornalista (MAIA, 2013, p. 178).

No jornalismo, é possível observar o uso do perfil quase como uma ferramenta da reportagem. Embora o aspecto noticioso desempenhe o papel principal, a descrição do autor da ação é sempre necessária, mesmo que em forma de entrevista, representando o que Sodré e Ferrari (1986) vão chamar de *miniperfil*. Outro exemplo no jornalismo é a publicação de uma coleção de produções, em diferentes gêneros, como crônicas ou artigos, geralmente sobre uma personalidade pública. “O conjunto forma uma grande reportagem e, naturalmente, seu grande *multiperfil*, já que são vários narradores e um só objeto da narração” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 139).

Assim, diferente do processo da reportagem, que requer uma pré-pauta, "sugere-se que a pesquisa prévia deva ser uma condição mais de preparo intelectual do entrevistado do que uma condição para a fluência do encontro" (MAIA, 2013, p. 186). Uma vez que a abordagem deve ser livre de concepções sobre o sujeito que se pretende perfilar, cabe ao repórter estar sempre disposto a conhecê-lo, valendo-se do exercício de observação e escuta. Vilas Boas (2013) se dedica a delinear fatores que atravessam, dentro de uma rotina de produção, o processo de pesquisa e redação de um perfil e, assim, elenca dicas para a conduta do repórter. Dentre eles, como fazer com que a escrita seja livre, diante de limitações de espaço na página e tempo para criação, por exemplo. No fim, prevalece ainda a relação intimista entre repórter e personagem: “Defina a pauta, esqueça a *performance* de seu personagem. Apenas ouça o que o sujeito tem a dizer” (VILAS BOAS, 2003, p. 15).

Neste sentido, é importante ressaltar então a liberdade autoral do gênero. “[...] Deixa inscrito na história desse formato um modo de escrita nitidamente autoral, com forte inserção de elementos extra entrevista, em que é dado ao leitor o direito de não só saber o que o entrevistado diz, mas, sobretudo, como ele diz”. (MAIA, 2013, p. 184). O repórter não está isento de emprestar um pouco de si. Para além do que é contado sobre o outro, o perfil diz muito sobre quem escreve, as lentes pelas quais passam as impressões, o destaque dado a determinada passagem, a escolha dos personagens e enquadramentos.

Os processos são multidimensionais. Neles, combinam-se memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos, cinco elementos imprescindíveis ao trabalho autoral. A narrativa de um perfil não pode prescindir de todos os conceitos e técnicas de reportagem conhecidos, além de recursos literários e outros. Mas ela também está

atada ao sentimento de quem participa. A frieza e o distanciamento são altamente nocivos. Envolver-se significa sentir (VILAS BOAS, 2003, p. 13-14).

Portanto, o objetivo de despertar no leitor emoção e identificação com a história do outro faz com que o repórter busque ir além de ser um mero “voyeur” (VILAS BOAS, 2003), evitando manter uma relação de distanciamento com o relato. Para tanto, é necessário estar imerso na história que se pretende contar, de modo a imprimir verdade e sentimento à escrita. Pois, só assim, o caráter emotivo e verossímil é sentido pelo leitor. O autor cita ainda a responsabilidade de transportar o leitor para a história narrada: “Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem” (VILAS BOAS, 2003, p. 14). Isso pode se dar pela aproximação com personalidades famosas ou comuns, “[...] como se o leitor se deliciasse com o fato ‘de não estar sozinho no mundo’, de poder compartilhar sua própria história com outra pessoa, não importando a época” (VILAS BOAS, 2002, p. 37), e assim se reconhecer na experiência do outro.

### **2.3 Aproximação com a arte**

Vilas Boas (2003) compara a prática de perfilar com expressões artísticas, não só se aproximando dos efeitos estilísticos da literatura, mas também de técnicas presentes nas artes visuais – uma vez que estas partilham um objeto em comum: os retratos. Visto que na pintura o rosto ganha forma repartido em quatro partes – mesmo número de pontos de interesse em uma composição fotográfica – o autor indaga quantas partes deva conter um perfil jornalístico:

Quatro partes também, ao meu ver, porém um pouco mais abstratas: lembrança, espaço, circunstância e interação. Da lembrança flui a história de vida, o espaço é a geografia do encontro – a tela do portrait, digamos; a circunstância representa o tal ‘momento significativo’ a que se referiu Cartier-Breson; e a interação é o que leva a uma expressão (facial, gestual, opinativa, etc.) (VILAS BOAS, 2003, p. 20).

Outra semelhança entre as formas de retrato no perfil jornalístico e nas artes visuais é a ambiguidade. Já vimos que não é possível conhecer intrinsecamente o personagem, ainda mais quando trabalhamos com o que ele diz sobre si mesmo e o que é observado pelo autor no momento específico. As quatro partes do retrato podem não ser as únicas, “muitas vezes, o

sujeito apresenta certas características, gestos, atitudes e pensamentos em função da fase em que está atravessando” (VILAS BOAS, 2003, p. 21), seja por querer ocultar ou exibir mais do que pode ser observado. É possível que esta ambiguidade se desvende ao longo do perfil ou ainda que a face seja retratada como tal.

De modo geral, a maior influência da expressão artística na construção de um perfil é, sem dúvida, a troca com a literatura. Lima (2009) se propõe a classificar dez princípios sobre os quais baseiam-se o perfil, no que tange às aproximações com o jornalismo literário, em vista de que, para ele, “a narrativa jornalística de melhor qualidade beira a arte, assume alguns dos nobres ideais de que esta pode revestir-se” (p. 138). Primeiro, a *exatidão e precisão* como fundamento básico de qualquer texto jornalístico que tem como objetivo a informação, ancorado na verossimilhança com a realidade. Outro ponto é a *compreensão* da realidade por um leque de leituras e perspectivas. Segundo, a *humanização* pode ser definida como uma marca distintiva do gênero, focada em retratar as complexidades do personagem, com lugar para exaltação de suas virtudes e limitações. Este princípio está ligado aos dois seguintes, a *voz autoral*, já citada como a liberdade de interação do repórter em expor suas impressões, visão singular e participativa, que constituem, assim, seu *estilo próprio* de escrita. A *universalização temática*, por sua vez, diz respeito à variação de perfis que atraia diferentes públicos. Como também já apresentado, o princípio da *imersão* está ligado ao exercício de mergulhar na história que se propõe a relatar, vivenciando, inteiramente, a relação com o personagem perfilado. Já o princípio do *simbolismo*, característico do jornalismo literário, engloba efeitos estilísticos de sentido imagético que estimulam a sensibilidade do leitor, a exemplo das metáforas. Da mesma forma, a *criatividade* aciona a imaginação para ilustrar os fatos. Por fim, mas não menos importante, a *responsabilidade ética* assegura, apesar de todos os empregos artísticos, o compromisso com a fidelidade do relato. Este conjunto de princípios, atrelado à organização narrativa do relato, são empregados ao *contar uma história*.

### 3. ENTREVISTA

Para a construção dos perfis utilizei entrevistas como metodologia, pois, para Silva (2012): “A entrevista tem papel fundamental na construção de perfis, pois enriquece o autor com os dados e potencializa a história do possível perfilado. Portanto, narrar um acontecimento por meio de uma testemunha não é a mesma coisa que descrevê-la quando se a tem lado a lado” (SILVA, 2012, p. 7).

Morin (1973) define a entrevista como “uma comunicação pessoal tendo em vista um objetivo da informação” (MORIN, 1973, p. 115), de natureza variada, sendo que nos veículos jornalísticos tem por finalidade o interesse público e de teor espetacular. Mas não se limita apenas à função de informar, para o autor, é o fenômeno psicoafetivo constituído no processo de comunicação que condiciona e conduz a entrevista. Do mesmo modo, pode ser compreendida como uma forma de interação humana:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação (MEDINA, 1986, p. 08).

#### 3.1 A prática

Ao contextualizar a prática da entrevista, Morin (1973) diferencia o desenvolvimento de dois ramos. A entrevista extensiva se dá de forma objetiva e superficial, como pela aplicação de questionários fechados, limitada a respostas assertivas e sem espaço para demais aspectos surgidos da relação entre entrevistado e entrevistador. Em contrapartida, a entrevista intensiva corresponde a uma conversa de longa duração a fim de estimular uma relação interpessoal mais aprofundada entre os agentes, sendo que as respostas não representam aqui uma amostra de resultados, mas sim questionamentos abertos, com espaço para a improvisação do entrevistador, e que destacam a pessoa do entrevistado. Na visão do autor, os dois exemplos podem aparecer combinados, a aplicação de questionários para seleção de pessoas para uma conversa mais aprofundada e o inverso para a elaboração das perguntas do questionário, no entanto, é quando a entrevista se aproxima da comunicação humana que o fenômeno psicoafetivo ganha importância e, segundo Medina (1986), se torna possível o diálogo. Para tanto, defende que a fluidez da entrevista é notada pelo público, seja ele leitor

ou telespectador, quando se desloca da simples técnica jornalística e “ocorre, com limpidez, o fenômeno da identificação, ou seja, os três envolvidos (fonte da informação-repórter-receptor) se interligam numa única vivência” (MEDINA, 1986, p. 05-06).

Partindo do campo da comunicação, Morin (1973) classifica quatro tipos de entrevista: a entrevista-rito, a entrevista anedótica, a entrevista-diálogo e as neoconfissões. No primeiro caso, tem-se a fala do entrevistado como símbolo de um acontecimento, a traduzir o sentimento de um evento, por exemplo. Já na entrevista anedótica, o entrevistador conduz as perguntas basicamente com o intuito de arrancar declarações comprometedoras do entrevistado. No caso da entrevista-diálogo, conforme a definição adianta, aparece a interação entre entrevistador e entrevistado tanto sobre o que diz respeito à personalidade entrevistada, quanto ao que tem a dizer sobre um assunto de interesse público. Por último, as neoconfissões elevam a entrevista ao patamar do diálogo em profundidade, o entrevistado protagoniza a conversa em um relato interior sobre si. Durante a produção dos perfis é necessário que as entrevistas sejam conduzidas com leveza e confiança. Por isso os dois últimos exemplos nos são mais propícios para pensar a relação entre entrevistador e entrevistado.

Medina (1986) observa nas definições de Morin (1973) uma tendência em classificar as duas primeiras como tipos mais superficiais de entrevistas e as duas últimas como conversas mais aprofundadas. Neste sentido, Medina (1986) as distingue em duas tendências, de espetacularização e de compreensão do entrevistado, e agrega a elas novas subdivisões. Cabe então, segundo a autora, aos subgêneros da espetacularização, o perfil do pitoresco e o perfil do inusitado, um focado em traços grotescos da personalidade humana e o outro no que caracteriza o entrevistado. Há ainda o perfil da condenação, próprio do jornalismo policial para prejulgar o sujeito como culpado ou inocente. Com a mesma intenção, para o perfil da ironia ‘intelectualizada’ o entrevistador se porta ironicamente diante das respostas e induz o entrevistado a cometer certas contradições. Já no subgênero da compreensão – aprofundamento, Medina (1986) categoriza a entrevista conceitual como aquela que elucida certos conceitos através da fala de um especialista, enquanto a entrevista / enquete procura uma pluralidade de fontes para fundamentar a pauta proposta. A entrevista investigativa, por sua vez, se dá sobre assuntos de repercussão pública em que, muitas vezes, o entrevistado faz uso do ‘off’ para revelar informações chaves para a investigação. Na confrontação - polemização, o entrevistador atua como um mediador de entrevistas coletivas ou debates sobre temas polêmicos.

Por último, mas de grande valia para a construção de relatos aqui proposta, está o perfil humanizado. “Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida” (MEDINA, 1986, p. 18), não para simplesmente destacar ou condenar por seus traços grotescos ou caracterizadores, mas retratar as verdades e os sentimentos que se procura expor.

### **3.2 O encontro**

Quando Morin (1973) diz que “a entrevista, evidentemente, se funda na mais duvidosa e rica das fontes, a palavra” (MORIN, 1973, p. 120), ele se atenta para as armadilhas que possam ameaçar a sua fluidez. Em se tratando de um diálogo aberto, o entrevistado tem tempo de falsear informações, ou ainda optar por discorrer mais sobre determinado assunto e inibir-se diante de outro. Cabe então à postura do entrevistador criar um ambiente de segurança e confiança.

É necessário que o entrevistado sinta um ótimo de distância e de proximidade, e, igualmente, um ótimo de projeção e de identificação com relação ao investigador. O entrevistador deve corresponder a uma imagem simpática e tranquilizadora (MORIN, 1973, p. 122).

O ambiente da entrevista deve ser pensado desde os primeiros contatos com o entrevistado. Algumas estratégias precisam ser seguidas para deixá-lo o mais a vontade e seguro possível. Um exemplo é a escolha do local. Lugares intimistas que digam sobre o entrevistado inspiram uma conversa mais leve, além de proporcionar uma oportunidade de conhecer aspectos pela observação para além da fala.

Se a entrevista for do tipo perfil - ou seja, se for girar mais em torno da figura do entrevistado do que das informações que ele possa dar -, o repórter, estando em sua casa, tem a oportunidade de observar livros, fotos, objetos de arte e outros itens reveladores da personalidade do personagem. Essas informações servirão para conhecer melhor o entrevistado, inspira perguntas e ajudar a compor o texto de apresentação da entrevista (OYAMA, 2015, p. 10).

Por mais que na discussão sobre Perfil tenha sido sugerido ao repórter que se abstraia de preconceitos e se permita conhecer mais profundamente o entrevistado no momento do encontro, é importante demonstrar domínio do conhecimento prévio sobre aquele que se entrevista. “A pesquisa serve para conhecer o entrevistado e seu trabalho e, a partir daí,

elaborar uma pauta interessante. Mas também para saber o que já lhe foi perguntado” (OYAMA, 2015, p. 15).

Outro ponto importante, principalmente se tratando do diálogo baseado no relato do entrevistado, é entendido por Morin (1973) como entrevista não diretiva, onde o entrevistador cede a palavra sem muitas intervenções ou comentários enquanto o entrevistado expõe livremente sua fala. “O bom entrevistador é aquele que, antes de tudo, sabe ouvir. saber ouvir implica, antes de tudo, ser curioso” (OYAMA, 2015, p. 28). E isso não significa uma sucessão desenfreada de perguntas, mas sim disposição para ouvir as respostas com devida atenção. Saber ouvir é um desafio, mas é também para o que se propõe a prática da entrevista em profundidade.

#### 4. MEMÓRIA

Na prática da entrevista é indispensável o cuidado e a atenção em ouvir o que a pessoa tem a dizer sobre um determinado assunto ou acontecimento, dado a sua experiência e percepção pessoal. Este recurso se mostra importante para a escrita dos perfis, uma vez que nada mais é que o resgate de histórias partilhadas individual ou coletivamente. Para Mariano (2015), “toda entrevista lida com a memória, pois busca recuperar lembranças do que ocorreu, seja há pouquíssimo, pouco, razoável ou até muito tempo atrás” (MARIANO, 2015, p. 200). Assim, a partir dos relatos, o exercício de memória configura uma ação norteadora para acessar e reunir lembranças sobre histórias e experiências comuns aos entrevistados.

Sendo assim, para compreender o conceito de memória, é necessário fazer uma relação entre o tempo passado, o presente e a ideia de futuro. Isso porque, segundo Le Goff (1990), a memória “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 424). Ao mesmo tempo em que Barbosa (2004) declara que “a memória é projetiva, no sentido que se direciona sempre a uma ideia de futuro” (BARBOSA, 2004, p. 05). Ou seja, é necessário voltar-se para o passado e entender seus processos para conseguir projetar uma ideia de futuro. E é no tempo presente que se dá o exercício da memória, momento em que é feita a reflexão sobre as experiências e aprendizados anteriores para, assim, pensar o que se espera para o futuro. No caso das relações sociais no interior de uma comunidade, é preciso conhecer suas origens individuais e coletivas para dar continuidade à interação entre seus sujeitos e à manutenção da história do lugar.

Para tanto, Pollak (1992) lista alguns elementos importantes na composição da memória, muitas vezes resultantes de experiências marcantes da vida de uma pessoa ou herdadas do grupo ao qual ela pertence. Primeiramente estão os acontecimentos. Aqueles vividos pessoalmente e os partilhados a partir da vivência coletiva. É comum em pequenas comunidades, com forte vínculo afetivo e familiar, que histórias vividas por seus antepassados sejam trazidas ao presente com precisão de detalhes, como se fossem presenciadas por quem as conta. “São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 201). Da mesma forma, a memória



pode ser constituída também pelo convívio direto com outras pessoas ou ainda por pessoas não contemporâneas ao mesmo espaço-tempo, mas que se tornam personagens conhecidos pelo grupo.

Outro elemento elencado por Pollak (1992) são os lugares, ligados às lembranças pessoais, como episódios da infância, ou públicas, que dizem de uma memória coletiva e social. “Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo” (POLLAK, 1992, p. 202). Neste caso podemos encontrar razões para lembranças sobre eventos que certamente não foram vividos pessoalmente e sim transmitidos de forma oral, por exemplo, como se deu a formação de uma comunidade, de uma instituição, ou o início de uma tradição.

No caso dessas memórias constituídas de maneira indireta, ou mesmo de forma direta, pode ocorrer uma transferência ou projeção de aspectos marcantes de um momento como se ocorridos em outro. O momento presente em que a memória está sendo acionada influencia a organização dos elementos passados. Por isso Pollak (1992) afirma que a memória é seletiva, isto é, “nessa ação estão envolvidas escolhas, ou seja, pressupõe a dialética lembrança e esquecimento” (BARBOSA, 2004, p. 05). Mas, mesmo que, em um relato, o indivíduo escolha enfatizar certa lembrança em detrimento de outra, o diálogo com pluralidades de fontes garante que as memórias sejam conectadas com outros membros do grupo ao qual ele pertence.

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Portanto, a memória não é algo inerte e isolado em algum lugar da mente humana. “Esse último elemento da memória - a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento - mostra que a memória é um fenômeno construído” (POLLAK, 1992, p. 204).

Deste modo, a construção da memória diz sobre como o indivíduo se identifica para si, internamente, e como se expõe para os outros. Estes indivíduos, em convívio social,

compartilham de laços que os identificam enquanto grupo, ao mesmo tempo que condicionam o pertencimento ao grupo.

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

As múltiplas identidades de um grupo estão estritamente ligadas à memória individual e coletiva de seus componentes. Neste sentido, “não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente” (CANDAUI, 2012, p. 19).

É importante saber que cada indivíduo tem sua maneira de refletir sobre as relações com o lugar em que vive. As lembranças da infância e de eventos marcantes, importantes para a construção das identidades, ocupam o espaço da memória individual do sujeito ao mesmo tempo que se confundem com a memória do lugar, de natureza coletiva.

Admitamos todavia que haja, para as lembranças, duas maneiras de se organizar e que possam ora se agrupar em torno de uma pessoa definida, que as considere de seu ponto de vista, ora distribuir-se no interior de uma sociedade grande ou pequena, de que elas são outras tantas imagens parciais (HALBWACHS, 1990, p. 53).

Imaginemos as relações de um indivíduo que nasceu, partilha de momentos de sua infância e vida adulta com familiares, amigos, vizinhos e, mesmo que transite por outros lugares, é para a mesma comunidade que volta para viver o fim de sua vida. Veja que o lugar não é o mesmo. É notório que na passagem do início ao fim da vida, nosso personagem acompanha e participa das transformações dessa comunidade enquanto passa também por transformações.

Assim, quando numa sociedade que se transformou subsistem vestígios de que existia antes, aqueles que a conheceram em seu estado primeiro podem também deter sua atenção sobre esses traços antigos que lhes dão acesso a um outro tempo e outro espaço (HALBWACHS, 1990, p. 127).

O conjunto dessas imagens agrupam as lembranças daqueles que viveram em diferentes tempos passados ao relato e formam um registro para aqueles que ainda virão a

pertencer ao grupo. Neste sentido, o registro da memória proporciona a manutenção do coletivo. As discussões sobre o conceito de memória são fundamentais para compreender os fatores que fazem com que os moradores de Barro Branco se organizem enquanto coletivo. Da mesma forma, partilham entre si memórias individuais e coletivas que, quando agrupadas, constituem a memória também do lugar em que vivem em comunidade.

## **5. A COMUNIDADE**

Inicialmente, para compreender o conceito de comunidade, recorro a problematização de Bauman (2003) que cerca a possibilidade de se alcançar a condição de comunidade admitindo as interferências que possam dividir e separar seus membros. Para Bauman (2003), qualquer grupo de pessoas só é entendido como comunidade caso seja composto de interação frequente entre seus participantes e preservem recordações ao longo do tempo. A reflexão nos transporta a pensar sobre como os moradores de Barro Branco tendem a conservar, seja na memória coletiva a partir da partilha de interações sociais ou na transmissão das tradições conhecidas, os laços que os definem como comunidade.

### **5.1 Barro Branco**

Antes de traçar a memória e as identidades da comunidade a partir dos relatos dos personagens, é necessário conhecer um pouco mais sobre a origem e a história do lugar que o livro se propõe a retratar.

Barro Branco é uma comunidade pequena, com características predominantemente rurais, e está localizada a 21 km da cidade de Mariana. A cidade, conhecida como a Primaz de Minas, possui uma população de 61.288 habitantes, distribuídos entre a sede e nove distritos. Desses distritos, há ainda outros subdistritos, sendo Barro Branco um subdistrito de Padre Viegas. Segundo dados apurados junto a agente de saúde da Unidade Básica de Saúde (UBS) de Barro Branco, em 2017, a população estimada era de 486 habitantes. A rua principal interliga as outras quatro registradas, que por sua vez servem de caminho a outras regiões, como Cachoeira do Brumado, Miguel Rodrigues, Mainart e Padre Viegas, entre outros lugares. Apesar de não possuir muitas instituições ou comércios, curiosamente, o início de cada rua é marcado por alguns desses estabelecimentos. As ruas são denominadas por santos católicos, o que retrata a forte influência da religião.

O levantamento da Prefeitura Municipal de Mariana para o Inventário de Proteção do Acervo Cultural de 2007 descreve aspectos históricos, cartográficos, patrimônios materiais e imateriais do distrito de Padre Viegas e seus subdistritos, dentre os quais se inclui o povoado de Barro Branco. Como destaca o documento, o povoamento do território se deu em torno de uma capela.

Considerando-se a hipótese de que os pequenos aglomerados urbanos surgidos no interior dos municípios mineiros constituíram-se a partir de uma construção religiosa que organizava o espaço imediato no qual foram implantadas as primeiras edificações, cabe registrar aqui a história da construção da Capela de Nossa Senhora da Glória do sub-distrito de Barro Branco (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARIANA, 2007, p. 121).

Caracterizada como uma construção atrelada à origem do povoado, o documento não afirma com exatidão o ano de fundação da capela. Baseia-se em registros e depoimentos para indicar o final do século XIX vinculado a uma história popular de que a imagem de Nossa Senhora da Glória pertencia ao povoado vizinho Batatal e foi transferida para Barro Branco após a construção da capela, no entanto, insistia em reaparecer voluntariamente no local de origem. Como marca da narrativa oral, foi agregada a esta história distintas versões ao longo das gerações.

Em entrevista para construção do Inventário, Augusto Mônico, já falecido, e na época morador do subdistrito há mais de 90 anos, conta que o povoado recebeu o nome de Barro Branco devido à coloração do barro batatinha, característico da região. Em conversas prévias com os moradores entrevistados para a produção do livro, o barro branco se mostrou um elo característico dos costumes da comunidade. Antigamente, devido à sua coloração, era usado para pintar paredes, polir fogões à lenha e o piso das casas.

## **6. O PRODUTO**

O produto final consiste em um livro de perfis que represente a história e as identidades da comunidade de Barro Branco com base nos laços que marcam a relação entre seus moradores. Cada capítulo se dedicará ao relato de lembranças e experiências de um perfilado e, prevendo que as histórias se complementem entre si e que novos personagens sejam resgatados devido à partilha da memória coletiva, será possível traçar pontos sobre a história de Barro Branco. A finalidade deste projeto é que o livro se torne um arquivo para demais pesquisadores interessados em conhecer a cultura imaterial da região e sua comunidade, mas, ainda mais importante, um registro para os atuais e futuros moradores.

### **6.1 Pré produção**

A ideia de produzir meu Trabalho de Conclusão de Curso voltado para a comunidade de Barro Branco já era certa antes mesmo do início da minha graduação. Sabia que a possibilidade de estudar na Universidade Federal de Ouro Preto se devia principalmente à segurança que encontraria estando em um lugar familiar, diferente da realidade de muitos dos meus colegas que saíram de suas casas para morar sozinhos em uma cidade distante. Além disso, acredito que a produção acadêmica deva estar sempre voltada para a comunidade. Por isso, sempre que tive oportunidade, envolvi Barro Branco nas minhas atividades do curso. O que eu ainda não tinha em mente era o formato e objetivo deste trabalho, mas ao longo do meu percurso acadêmico esta resposta foi se formando. Nas minhas leituras e escritas pessoais, sempre me interessei por gêneros literários, como poesias, crônicas e biografias. Meu primeiro contato com o perfil, para além das leituras, foi a produção para a disciplina de Redação em Jornalismo. Depois disto, percebi que a prática da escrita de perfis passou a fazer parte naturalmente das minhas outras produções. Foi assim que produzi a reportagem especial “Quem é a Ocupação Chico Rei” para a Edição 33 do Jornal-Laboratório Lampião e a reportagem também especial “A luta dos Pataxós gravada nas ruínas” para a Edição 27 da Revista-Laboratório Curinga. Em ambas as oportunidades, mas em especial na reportagem sobre a Ocupação Chico Rei, contei a história de lugares, através de perfis sobre a relação de moradores com suas comunidades, da mesma forma que faço agora neste trabalho. Os relatos estão presentes também na minha vida profissional, desde que passei a atuar como repórter do

Jornal A Sirene, veículo que trabalha com a memória e a luta das comunidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão, da Samarco/Vale/BHP, em Mariana.

Inicialmente, a proposta era falar sobre Barro Branco a partir das suas tradições religiosas, no entanto percebi que, apesar de muito importante, este era só um dentre tantos outros traços que simbolizam a comunidade. Essa reflexão apareceu na primeira reunião que tive com minha orientadora, quando, ao apresentar o projeto, ela me perguntou se eu me considerava uma pessoa religiosa. Delimitar este foco poderia ser desconfortável em algum momento da produção e ameaçaria a possibilidade de falar sobre outros aspectos. Eu já sabia que o objetivo era falar sobre Barro Branco, então levantamos algumas palavras-chaves para nortear a minha busca: vizinhança, família, comunidade, igreja, dentre outras.

Paralelo ao planejamento do livro, me debrucei sobre o referencial teórico descrito neste projeto e apresentado à banca de TCC 1 em dezembro de 2019. Recorri a uma série de livros e artigos, listados nas referências bibliográficas e outros apenas a título de leitura, para refletir acerca do gênero perfil, a metodologia da entrevista e o conceito de memória. Da mesma forma, procurei documentações que tratassem de Barro Branco, sendo que não encontrei um material específico sobre o subdistrito.

## 6.2 Os personagens

Estabelecer o número de perfis não foi uma escolha difícil. Como Barro Branco possui apenas cinco ruas, definimos que seria um morador de cada rua, a fim de que desse conta, simbolicamente, de representar a comunidade como um todo. Quanto a escolha destes moradores, a intenção era trazer uma pluralidade de idades e de gêneros. Cheguei então a dois moradores mais velhos, um homem e uma mulher, por conhecerem há mais tempo e terem contato com histórias mais antigas do lugar. Dois moradores de meia idade, que contam também de uma época diferente e das mudanças passadas pela vida em comunidade. E uma última moradora, adolescente, para simbolizar o futuro e a prosperidade da comunidade.

Traçados estes atributos, foi a vez de definir quais moradores seriam os personagens do livro. Esta escolha passa primeiro pelo meu conhecimento prévio e envolvimento com a comunidade, mas não foram escolhas cômodas, influenciadas pela proximidade ou relação pessoal.

- **Adão da Cruz, 85 anos, morador da rua São Vicente** - Além de ser um dos moradores mais antigos de Barro Branco e de já ter presenciado inúmeras conversas

entre ele e meu avô sobre histórias vividas ainda na juventude em Barro Branco, inclusive sobre aspectos trazidos em outros perfis deste livro, como a produção do açúcar e a olaria, a escolha pelo Adão se deve a uma produção anterior. Ele foi um dos entrevistados para o documentário *Peões Mineiros, a trajetória dos metalúrgicos de Barro Branco ao ABC Paulista*<sup>1</sup>, com o qual colaborei com a produção e edição. No documentário Adão conta um pouco da sua vida em Barro Branco, deslocamento para São Paulo em busca de trabalho e retorno para a terra natal. Este contato prévio para a produção do documentário foi importante não só para a escolha, mas também rendeu material para conduzir a entrevista para o livro a ponto deste deslocamento e retorno se tornar o fio condutor do perfil.

- **Isabel Mendes, 78 anos, moradora da rua Nossa Senhora Aparecida** - No caso de Isabel, a escolha partiu da indicação de várias pessoas da comunidade, incluindo parte dos outros entrevistados. Ela também é uma das moradoras mais antigas, muito conhecida exatamente por guardar histórias do passado, por isso seu nome já era uma das minhas possibilidades. Isabel é talvez a entrevistada com a qual menos tive contato pessoal antes da produção e isso me pareceu interessante e desafiador para a construção do relato.
- **Luzia Agripino Couto, 48 anos, moradora da rua Nossa Senhora Aparecida** - Luzia, por sua vez, foi escolhida a partir da observação. Sempre achei curioso como gosta de falar sobre Barro Branco, seja nas visitas ou até mesmo enquanto varria a rua. É notório o quanto Luzia é uma pessoa comunicativa e que conhece praticamente todos na comunidade, por isso sabia que me renderia uma entrevista rica em histórias.
- **Beatriz Oliveira, 13 anos, moradora de rua Sítio Região Patrimônio** - A escolha por Beatriz se enquadra na busca por uma pessoa mais jovem. Não tive muitas dúvidas para preencher esta vaga. A intenção já era trazer a perspectiva de uma pessoa que estivesse crescendo na comunidade, representando o futuro dela, e Beatriz desde muito nova já se mostra esta pessoa. Muito comunicativa e extrovertida, ela está envolvida

---

<sup>1</sup> O documentário, produzido em parceria com Jéssica Duarte, então graduanda em História, é um produto apresentado para a disciplina História do Brasil III, ministrada pelo Prof. Dr. Mateus Pereira do curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal de Ouro Preto - Ufop. Foi exposto na categoria Ver, Ouvir e Expressar da I Mostra Multi Interações da Ufop. Disponível em: <<https://youtu.be/ErylMub95N8>>.



com os compromissos da comunidade, seja nas atividades da igreja ou da escola, é uma adolescente “popular”.

- **Expedito Cezário Borges, 62 anos, morador da rua Coração de Jesus** - Expedito foi o último perfilado escolhido. Como a sua rua, a Coração de Jesus, tem poucas casas, a maioria sítios afastados uns dos outros, tive dificuldade em pensar em um morador que atendesse às especificações propostas, àquela altura, um homem de meia idade. Seu nome me ocorreu em uma das idas a Barro Branco no ônibus dirigido por ele. Foi então que me dei conta da importância da sua profissão para a comunidade e, mais tarde, em conversa com outros moradores, fiquei sabendo do parentesco dele com outro morador ilustre e importante para a história de Barro Branco: seu pai foi um dos responsáveis pela obra da Igreja de Nossa Senhora da Glória como é hoje.

Para dar sentido aos relatos, foi preciso encontrar fios condutores que estabelecessem conexão entre as histórias dos personagens e a comunidade de Barro Branco. Alguns foram pensados antes das entrevistas, outros se redesenharam após e, sobretudo, a maioria se apresentou diferente durante a escrita, na medida em que os perfis conduziam para outro foco. No fim, foram definidos como fios condutores os seguintes elementos: A importância da religião e a devoção à padroeira, Nossa Senhora da Glória, é acionada no perfil de Luzia para falar sobre pertencimento. A profissão de Expedito, motorista da linha de ônibus de Barro Branco à Mariana, e a sua função social para a comunidade, é utilizada para falar sobre as estradas e sobre deslocamento. Isabel nos conta sobre as histórias vividas e ouvidas sobre o passado e as transformações ao longo dos anos para refletir a respeito do espírito comunitário. Já no perfil do Adão, o sentimento de refúgio é representado pelo retorno a Barro Branco, após anos morando fora. E, por fim, através do perfil de Beatriz, é discutido o futuro da comunidade e a continuidade das suas tradições.

### **6.3 As entrevistas**

Os primeiros encontros ocorreram ainda no segundo semestre de 2019. Essas conversas foram informais, sem gravação, e serviram como material de pesquisa e preparação para as entrevistas. Tratavam-se, inicialmente, apenas de uma visita para convidá-los a participar do livro, porém, em todos os casos, ao explicar o objetivo do trabalho, eles começaram a contar suas histórias sobre Barro Branco. Estes diálogos foram importantes para

pensar as perguntas e os fios condutores dos perfis. É importante destacar que, no caso da Beatriz, única entrevistada menor de idade, pedi antes autorização à sua mãe, que, assim como ela, respondeu positivamente ao convite.

Ainda na etapa de pesquisa, em dezembro de 2019, aproveitei que Antônio Gomes Machado, conhecido como Tipoca, estava visitando Barro Branco para convidá-lo para me contar um pouco sobre as histórias que conhecia da comunidade. Mesmo Tipoca tendo se mudado para São Paulo há muitos anos, é visto como um dos moradores mais antigos de Barro Branco, por conta das pessoas com quem conviveu e das histórias vividas no lugar. Fiquei surpresa quando, sem que tivéssemos marcado, ele apareceu me procurando na casa dos meus avós, no dia 03 de janeiro de 2020, empenhado em cumprir com o combinado. No entanto, as histórias não foram direcionadas para mim, o que aconteceu foi uma conversa amiga entre ele e meu avô, Carlindo Henrique, velhos conhecidos. Me coloquei então como um *voyeur* observando e registrando aspectos daquele momento, ao tempo que, com a devida autorização, gravava a conversa. Raras foram as situações que me permiti interromper o diálogo para fazer alguma pergunta, salvo quando lembravam da minha presença e perguntavam se era sobre o que falavam que eu queria saber, mas logo retornavam para a prosa particular como se fossem só os dois. A cena serviu de material para embasar a apresentação do livro. Ali percebi que os perfis deveriam ser como a conversa entre os dois: uma reunião de relatos contados de modo como se partilhados em uma conversa familiar entre os membros da comunidade.

As demais entrevistas, agora oficiais e gravadas, aconteceram no início de 2020, entre fevereiro e março. Com base nas pesquisas anteriores, foram traçadas algumas questões norteadoras comuns a todas as entrevistas, como estratégia para acessar lembranças da infância, relação com antepassados e momentos significativos da relação com a comunidade. Seguindo a teoria do perfil humanizado, os encontros aconteceram nas casas dos entrevistados e tiveram duração de em média 1h à 2h. É certo que o fato de conhecer previamente todos os entrevistados foi positivo para se criar um ambiente de confiabilidade para os relatos e render um material vasto e sólido, no entanto, enfrentei também alguns obstáculos. Dada a minha relação com a comunidade de Barro Branco, imaginava ouvir certos episódios que não foram trazidos pelos entrevistados ou que não tiveram a força esperada. Foi então que entendi que o exercício da escuta e afastamento das minhas convicções se fariam essenciais para que os relatos fossem conduzidos livremente. Entendi também que nenhuma entrevista é conduzida

de maneira igual a outra. No caso das entrevistas com a Luzia e com o Adão, por exemplo, tive que resgatar diversas vezes o foco das perguntas quando eles se perdiam na fala e discursavam sobre outros assuntos. Diferente do que aconteceu na entrevista com a Beatriz, em que tentei ao máximo estimular o diálogo para além de respostas curtas. Em outras situações, experimentei entrevistas com a presença de outras pessoas, no caso a esposa de Expedito e o filho de Isabel, mas não foram menos particulares, pois são pessoas que também fazem parte da comunidade.

Nestes encontros foram feitas também fotos dos perfilados, em diferentes enquadramentos. Planos médios foram utilizados para destacar a pessoa, planos gerais para colocá-las em relação a algum lugar, como a frente da casa ou varanda, e também planos detalhes para focar em objetos. Para tanto utilizei meu próprio equipamento fotográfico: uma Canon EOS Rebel T5i e as lentes 55-250mm e 18-55mm.

O material base para a escrita dos perfis foi coletado nestes dois momentos. A possibilidade de outros encontros foi inviabilizada pelo distanciamento social imposto como medida de segurança e saúde pública no combate à pandemia da Covid 19, crise sanitária que teve início logo após a realização das entrevistas. O acesso limitado à internet em Barro Branco e a preferência pelo contato presencial foram outros motivos que impediram que novas entrevistas fossem feitas, contudo, não houve prejuízo de informações e os relatos foram suficientes para a construção dos perfis.

#### **6.4 O livro**

A produção do livro foi atravessada por muitos desafios causados pela pandemia de Covid 19 e uma longa pausa se fez necessária durante o restante do ano de 2020 para entender os meus processos pessoais e enfrentar problemas psicológicos trazidos à tona pelo momento difícil. Desta forma, a escrita dos perfis teve início em 2021. No planejamento deste trabalho, não previa as dificuldades e os bloqueios enfrentados durante o processo de escrita, afinal de contas, estava tratando de um tema familiar. Mas esses processos foram fundamentais para o resultado final.

A ordem de escrita dos perfis segue a mesma ordem de arranjo dos capítulos do livro, sendo que o primeiro capítulo é o perfil da Luzia. Comecei com Luzia, pois, Realizadas todas as entrevistas, tive a impressão de que se tratava do material com maior quantidade de detalhes para caracterizar a personagem e relacionar a sua história com a de Barro Branco,

além do fio condutor se mostrar de maneira mais clara. Em seguida, escrevi o perfil do Expedito, que de alguma maneira foi o que fluiu com menos dificuldades. A sequência é justificada pelos elementos religiosos contidos nos dois perfis, após Luzia apresentar a história de Nossa Senhora da Glória, Expedito nos conta que seu pai guardava a padroeira em sua casa no período em que esteve à frente da administração da igreja. Ainda no perfil de Expedito, abro espaço para um “extra” ao finalizar com fotos do barro branco, argila tabatinga citada por ele como a razão do nome dado ao povoado. As fotos foram tiradas em maio de 2021, quando saí para fotografar as ruas de Barro Branco e aproveitei para buscar pelo barro. Luzia havia me dito na entrevista que, apesar de não tão abundante como em outros tempos, era possível encontrá-lo no barranco do campo de futebol. Óbvio que não consegui distinguir sozinha qual era o tal barro branco. Foi então que encontrei Maria Lúcia da Silva, moradora vizinha ao campo, e sua amiga Maria Salomé da Silva. Muito disposta, Lúcia não só me apresentou ao barro branco, como fez uma demonstração do seu uso, desde a extração no barranco até a aplicação no fogão a lenha de sua casa. Como foi um encontro inesperado, não me preparei para gravar o processo, fiz apenas o registro fotográfico e descrevo as etapas nas legendas das fotos.

O encerramento deste perfil introduz o seguinte, o da Isabel, já que o mesmo barro era utilizado na produção das telhas na olaria de sua família, passagem de destaque na vida de Isabel e que até então seria o fio condutor de seu perfil. No entanto, demorei para perceber que este fio não se sustentava como esperado e o relato seguiu em outro rumo. O próximo capítulo é o do Adão, assim como Isabel, um dos moradores mais antigos de Barro Branco. Se Adão nos fala de Barro Branco como um lugar para voltar e viver até o fim da vida, o último capítulo fala de uma vida que está apenas começando. O perfil de Beatriz encerra o livro como uma continuidade, uma projeção de futuro para a comunidade.

Após finalizar o processo de escrita dos perfis, produzi os textos complementares do livro. Como já descrito aqui, a apresentação resgata alguns elementos da conversa entre meu avô, Carlindo Henrique, e o amigo Tipoca. Esses elementos são trazidos para justificar certas escolhas na escrita dos perfis, como por exemplo a identificação de outros moradores da comunidade eventualmente citados pelos personagens, assim como para caracterizar os laços comunitários presentes em Barro Branco e apresentar os perfilados. Já após o último perfil, está o posfácio, no qual discorro, em primeira pessoa, sobre a minha relação pessoal com

Barro Branco e com os personagens do livro, as motivações que me levaram a idealizar este projeto, os desafios enfrentados durante a produção e reflexões acerca do processo.

Quando escrevi a primeira parte deste memorial indiquei como provisório o título “Do Barro” e disse que a definição final viria a ser algo muito pessoal à produção, muitas vezes fruto de uma fala marcante ou um traço comum aos entrevistados. E foi o que aconteceu. A expressão “nascido e criado” apareceu em todos os perfis, quando perguntado aos personagens se eles haviam nascido em Barro Branco. Esta é realmente uma expressão muito característica da comunidade, eu mesma já havia ouvido muitas vezes, mas não tinha ainda me dado conta do quão é simbólica. As pessoas nascidas em Barro Branco fazem questão de dizer, orgulhosas, que são nascidas e criadas no povoado e isso reflete muito o sentimento de pertencimento a comunidade. Desta forma, me deparei com o título: ***Barro Branco: por moradores nascidos e criados.***

No primeiro momento, o produto final seria diagramado e entregue digitalmente à banca e aos entrevistados. Já havia iniciado os primeiros diálogos com a Larissa Pinto, amiga que faria a diagramação, e desenhado alguns pontos do planejamento visual. No entanto, infelizmente, esse plano precisou ser adiado. A diagramação requer uma pesquisa aprofundada e um tempo considerável de produção, tempo este que não coube dentro do meu cronograma no decorrer da produção. Não foi uma decisão nada fácil abrir mão, por hora, da diagramação do livro. O tempo curto e o acúmulo de demandas viraram um conflito para mim, mas, depois de muita reflexão, entendi que não entregar agora o livro diagramado não diminui a dedicação dada ao meu trabalho. Em uma das reuniões, minha orientadora me disse que o livro, tal qual a estrutura padrão que conhecemos, é apenas um ponto de vista e que, para algumas pessoas, páginas grampeadas são livros assim como os de capa dura. Este pensamento fez-me voltar para o público primeiro do meu livro, aqueles que motivaram essa produção, os moradores de Barro Branco, pessoas simples, com pouco acesso à internet e alguns até mesmo não letrados. A minha auto cobrança em querer a todo custo diagramar o livro me fez refletir sobre para quem de fato estou escrevendo. Mas, de toda forma, não será uma ideia abandonada. Pelo contrário, espero nos meses seguintes à banca, com mais tempo e menos pressão, retomar este planejamento com todo o cuidado e atenção que desejo. Agora, apresento a parte escrita e as imagens do livro organizado em PDF.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do livro *Barro Branco, por moradores nascidos e criados* foi um processo longo e desafiador. Pessoalmente, estive em constante conflito interno até conseguir entender e respeitar meu tempo de escrita e de sofrer por ela. O exercício de escuta não é uma tarefa simples, requer humildade, paciência e atenção. Da mesma forma, o processo de escrita nem sempre está dentro do nosso controle. Talvez o maior aprendizado durante esta produção é o de que a palavra é viva, tem autonomia e domina o escritor. É ilusão pensar que é ele quem coloca a escrita no papel, quando na verdade é ela quem escolhe o momento e lugar certo de sair.

Essa reflexão me fez enxergar que, apesar de conhecer previamente o meu objeto de estudo, quando contado por outras pessoas, sendo elas parte do objeto, foi preciso me abster destes preconceitos para conseguir aprofundar abertamente nos relatos. Mesmo que eu tenha feito uma pesquisa inicial, traçado perguntas norteadoras para as entrevistas e definido fios condutores para os perfis, cada relato tomou seu rumo próprio no momento da escrita. O resultado foi, não o Barro Branco que eu conheço desde criança, e sim o Barro Branco vivido e contado por eles, os moradores nascidos e criados lá. Levando para o lado profissional, compreendi na prática a fala de Eliane Brum: “O movimento da reportagem implica desabitarse de si para habitar o outro, o mundo que é o outro” (BRUM, 2017, p. 364). Neste trabalho, atravessei a rua de mim.

A escolha pelo formato perfil foi ideal para caracterizar o lugar, Barro Branco, na medida em que fazia o mesmo com os personagens, a partir de suas lembranças e acontecimentos vividos. Todos os relatos contidos neste livro nasceram da memória oral e, antes de documentados aqui, eram transmitidos exclusivamente assim de geração em geração. Por essa razão, mesmo que algumas histórias não tenham sido vividas pessoalmente pelos personagens, elas dizem de uma memória coletiva partilhada por outros membros da comunidade.

As histórias do livro falam de Barro Branco, mas possuem elementos que facilmente representam outras comunidades da região, condizentes com o modo de vida dos interiores mineiros. Essa constatação engrandece ainda mais o papel social deste trabalho, uma vez que poucos são os registros de memória de comunidades como Barro Branco, constantemente

afetadas pelo ainda atual êxodo rural e pelo agravante da forte ameaça da mineração que assola a grande maioria das cidades mineiras.

Portanto, este trabalho significa não só uma realização pessoal, na medida em que me possibilita o retorno para a comunidade que me acolheu, e acadêmica, sendo apresentado como conclusão da minha formação. Ele representa uma memória sensível de histórias de vida que perpassam a construção de uma comunidade, agora documentadas para conhecimento dos atuais e futuros moradores de Barro Branco e para o público geral.

## 8. REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marinalva. **Jornalistas**, “senhores da memória”?. In: Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 4., 2004, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUC-RS, 2004. p. 1-13.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua**. Uma repórter em busca da literatura da vida real. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1990.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.
- MAIA, Marta R. Perfil: A composição textual do sujeito. In: TAVARES, F. de M. B.; SCHAWAAB, Reges. (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. 1ªed. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 176-188.
- MARIANA, Prefeitura Municipal de. Secretaria de Cultura. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural**. Minas Gerais, 2007.
- MARIANO, Agnes. Verdade e ficção na produção jornalística: entrevista e memória. **Revista Eco-Pós**, v. 18, n. 2, 2015, p. 193-205.
- MEDINA, Cremilda Celeste de Araújo. **Entrevista**, o diálogo possível. 1. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e na Televisão. In: MOLES, Abraham A. et al. **Linguagem da Comunicação de Massa**. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 115-135.
- OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. São Paulo: Contexto, 2015.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5. n. 10, 1992, p. 200-2015.
- SILVA, Amanda Tenorio Pontes da. **Mídia, cotidiano e personagens**: uma análise da construção de perfis jornalísticos na revista Veja. 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.
- VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & biógrafos**: Jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.



VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.